



ISSN: 2595.5039

SILVA, Gabriel Theodoro da;
SILVA, Ingrid Letícia Rocha;
BUENO, Janes Dean Amorim
Nogueira;
SANTOS, Lara Ravena
Almeida dos;
BRASILEIRO, Marislei
Espíndula.

Não há conflitos de
interesses.

Os documentos foram
submetidos a detectores de
plágio e uso de Inteligência
Artificial
(app.grammarly.com) e os
resultados foram menores
que 3%.

COMUNICAÇÃO TERAPÊUTICA ENTRE ENFERMEIRO E PACIENTE - desafio interpessoal

THERAPEUTIC COMMUNICATION BETWEEN NURSE AND PATIENT: interpersonal challenge

RESUMO

Este estudo tem como objetivo analisar evidências científicas sobre a comunicação entre enfermeiros e pacientes, a partir da revisão de estudos publicados entre 2002 e 2024 nas bases de dados SciELO, BVS, Revista Nursing, Periódicos Capes e Google Acadêmico. A análise de 11 estudos revelou que a comunicação terapêutica, tanto verbal quanto não verbal, ainda é insuficientemente desenvolvida em 75% dos casos. O uso excessivo de linguagem técnica foi apontado como responsável por eventos adversos na comunicação (50%), enquanto a forma de cuidado prestado influencia diretamente o bem-estar do paciente (25%). Além disso, a comunicação não verbal se mostrou essencial para pacientes com dificuldades de expressão verbal (43%), e a relação interpessoal entre enfermeiros, pacientes e equipes contribui para o sucesso do processo terapêutico (43%). A valorização da escuta ativa e empática e a construção de vínculos de confiança foram apontadas como fundamentais para a melhoria do atendimento (29%). Os estudos indicam a necessidade de melhorar a comunicação interpessoal, adotando formas claras e diretas, adaptando técnicas de comunicação não verbal e padronizando métodos que favoreçam a construção de vínculos. A pesquisa enfatiza o papel crucial do enfermeiro nesse processo, destacando a importância da comunicação segura e eficaz ao longo da assistência prestada.

Palavras-chave: Comunicação Eficaz, Enfermeiro e Paciente, Cuidados de Enfermagem.

ABSTRACT

This study aims to analyze scientific evidence on communication between nurses and patients, based on a review of studies published between 2002 and 2024 in the SciELO, BVS, Revista Nursing, CAPES Journals, and Google Scholar databases. The analysis of 11 studies revealed that therapeutic communication—both verbal and non-verbal—is still underdeveloped in 75% of the cases. The excessive use of technical language was identified as a contributing factor to adverse communication events (50%), while the type of care provided directly influenced patient well-being (25%). Moreover, non-verbal communication proved essential for patients with verbal expression difficulties (43%), and the interpersonal relationship between nurses, patients, and healthcare teams contributed to the success of the therapeutic process (43%). The studies also highlighted the importance of active and empathetic listening, as well as the building of trust-based relationships, as fundamental elements for improving care (29%). The findings indicate the need to enhance interpersonal communication by adopting clear and direct approaches, adapting non-verbal communication techniques, and standardizing methods that foster bond-building. The research emphasizes the crucial role of nurses in this process, underlining the importance of safe and effective communication throughout patient care.

Keywords: Effective Communication, Nurse-Patient Relationship, Nursing Care.

1 INTRODUÇÃO

A comunicação terapêutica como conceito surgiu em meados do século XIX, tendo Florence Nightingale como uma das mais famosas precursoras desse instrumento no campo da saúde (Sharma; Gupta, 2025), deixando em seus escritos, *Notes on nursing* (1946), instruções específicas para o desenvolvimento de uma comunicação eficaz entre enfermeira e paciente (Stefanelli, 1986).

Segundo Levy-Storms (2008) a definição de comunicação terapêutica, hoje amplamente aceita, foi cunhada por Gwen van Servellen em 1997, sendo descrita como uma troca entre o paciente e o profissional de saúde, utilizando métodos verbais e não verbais, sendo que esse estilo de comunicação tem como finalidade promover a superação das dificuldades enfrentadas pelo paciente.

A comunicação entendida como um conjunto de conhecimentos, processos e métodos usados como ramo de atividade na área da saúde, está incluída em uma das modalidades da classificação de tecnologias em saúde proposta por Merhy (1999), a qual figura como uma tecnologia leve de cunho relacional. Nessa perspectiva a comunicação efetiva promove humanização e confiança, estabelece vínculo, oportuniza a troca de saberes, criando oportunidade para operacionalização do cuidado e autocuidado (Rodrigues *et al.*, 2024; Sodr e; Rocon, 2023).

Para que os cuidados de enfermagem se integrem ao processo de cuidado humanizado, a comunicação eficaz   imprescindível, especialmente no que diz respeito   intera o e ao acolhimento no contexto hospitalar. Nesta circunstância, a Enfermagem   a arte e a ciência do cuidar, e para que isso seja viável   necessário um processo de intera es entre quem cuida e quem   cuidado,   necessária troca de informa es entre essas pessoas (Zinn, 2003).

Desta forma,   possível compreender a comunica o como um ato de transmitir e emitir diversas informa es, podendo ser evidenciada de forma falada e escrita, sendo que o quesito linguagem não verbal a identifica o se desenvolve como um sistema de sinais não linguísticos, apresentados em formato de gestos, expressões faciais e dentre outros (Ferreira, 2018).

Ser eficaz na comunica o   uma habilidade fundamental a ser adquirida pelo enfermeiro, independentemente de seu campo de atua o. Essa habilidade lhe possibilitará um cuidar consciente, verdadeiro e transformador (Santos; Bernardes, 2010).

A deficiência de habilidades e competências do enfermeiro e dos demais integrantes da equipe em rela o   comunica o com o paciente   um tema que precisa ser discutido e mais

profundamente abordado nas instituições de saúde e no meio acadêmico. Geralmente, esses profissionais encontram dificuldades em estabelecer uma comunicação eficaz, sentindo-se despreparados para trabalhar, com sentimentos que são despertados durante o processo de hospitalização de seus pacientes, embora tenham consciência da importância de sua utilização como recurso terapêutico (Rodrigues, 2010).

Nesse contexto, o presente estudo justifica-se pela relevância das normativas que fundamentam a prática comunicativa entre enfermeiros e pacientes, conforme preconizado por importantes diretrizes legais. Dentre elas, destaca-se a portaria N° 2.510/GM do Ministério da Saúde (2005) que compreende que as medidas de comunicação são consideradas uma dentre as tecnologias em saúde, RDC n° 36, de 2013, da Anvisa, que estabelece ações voltadas à promoção do cuidado seguro, incluindo a comunicação efetiva entre os profissionais de saúde; a Resolução n° 514, de 2016, do Conselho Federal de Enfermagem (Cofen), que define o “Guia de recomendações os registros de enfermagem no prontuário do paciente e outros documentos de enfermagem”; e a Resolução n° 767, de 2024, também do Cofen, a qual amplia as diretrizes da comunicação organizacional, oferecendo novos canais e possibilidades de diálogo com os diversos públicos envolvidos (Brasil, 2013; Cofen, 2017; Cofen, 2024). Além disso, este trabalho contribui para auxiliar e enriquecer os procedimentos executados pelo profissional de enfermagem no seu âmbito de trabalho, indicando sugestões de aprimoramento e treinamento para execução de suas atividades. Como consequência, espera-se a melhoria da qualidade do atendimento prestado, de forma humanizada e individualizada, em benefício do paciente.

1.1 Referencial Teórico

A comunicação é uma ferramenta básica e imprescindível para que as ações de enfermagem possam adequadamente proporcionar manutenção e recuperação da saúde, segurança do paciente e qualidade da assistência (Lacerda, *et al.*, 2021). Porém, segundo Silva *et al.* (2023), muitos profissionais não compreendem plenamente seus objetivos e benefícios, sendo que nos serviços há carência de protocolos específicos e formas de avaliação de sua efetividade.

A comunicação na equipe de enfermagem é um processo complexo e essencial para a efetividade do cuidado, baseado na interação e na interdependência entre os profissionais. A comunicação verbal é amplamente utilizada, tanto em reuniões quanto em conversas

individuais, sendo guiada por ética, respeito mútuo e compartilhamento de informações. A empatia e a capacidade de compreender o outro são apontadas como fundamentais para tornar a comunicação mais efetiva e humanizada, favorecendo a construção de vínculos e a qualificação do cuidado prestado (Broca *et al.*, 2012).

Segundo a portaria Nº 2.510/GM do Ministério da Saúde (2005) as medidas de comunicação são consideradas uma dentre as tecnologias em saúde utilizadas para oferecer uma assistência de qualidade à saúde da população (BRASIL, 2005), assim colocadas de acordo com a classificação das tecnologias em saúde proposta por Merhy (2002) considerada uma tecnologia leve, essencialmente relacional capaz de possibilitar vínculo entre o profissional de saúde e o sujeito recipiente da ação de cuidado.

Ademais, o estudo de Silva *et al.* (2008) observaram a incorporação de tecnologias leves por enfermeiros evidenciadas, dentre outros, pela escuta, diálogo, expressão de afeto e o compartilhamento de ideias, o que configuram instrumentos essenciais de cuidado, por promoverem vínculo e humanização no atendimento, atributos da relação interpessoal capaz de favorecer o desenvolvimento de um cuidado mais eficiente e autêntico, que segundo Nascimento (2021), impacta positivamente os paciente pois demonstra a importância de se ter uma visão holística para a prestação de um serviço de assistência integral.

No entanto, ainda existem desafios na aplicação da comunicação terapêutica, como o uso excessivo de termos técnicos e falhas na escuta ativa. A tecnologia surge como uma ferramenta complementar nesse processo, oferecendo recursos que podem otimizar o atendimento, agilizar registros e ampliar o acesso à informação (Rodrigues *et al.*, 2020).

Estudos pioneiros e de base no Brasil para o desenvolvimento de estratégias adequadas efetivas para a comunicação terapêutica da enfermagem, apontam 3 ordens categóricas, tais como expressão, clarificação e validação (Stefanelli, 1986; Stefanelli 2005). Em seu estudo Stefanelli, (2005) define métodos de comunicação efetiva para cada categoria, sendo que a categoria expressão engloba: “ouvir reflexivamente, usar terapêuticamente o silêncio, verbalizar aceitação, interesse, usar frases com sentido aberto ou reticentes, repetir comentário dito pelo paciente, fazer perguntas, devolver a pergunta feita a ele, usar frases descritivas, permitir a ele a escolha do assunto, colocar em foco a ideia principal, verbalizar dúvidas, dizer não, estimular a expressão de sentimentos subjacentes, e usar terapêuticamente o humor”. Já a clarificação auxilia o enfermeiro na compreensão das mensagens recebidas: “estimular comparações, solicitar ao paciente que esclareça termos incomuns, que precise o agente da ação, e descreva os eventos em sequência lógica”. Por fim, a validação, busca estabelecer o sentido daquilo que foi expresso pelo paciente prevenindo erros e conflitos por uma compreensão

equivocada: “repetir a mensagem do paciente, pedir para que ele repita o que foi dito e finalmente o profissional resumir o conteúdo da interação, de forma clara e objetiva”.

Destaca-se que, apesar da comunicação terapêutica ser usada no cotidiano, ela é pouco valorizada e mal compreendida pelos profissionais, muitas vezes por falta de formação adequada. Sendo assim a literatura indica a importância de ensino comunicativo desde a graduação (Dermani; Garbuio; Carvalho, 2020), como também para aperfeiçoamento de profissionais da saúde e gestores do cuidado com a finalidade de melhorar o processo de trabalho e a prática assistencial como um todo (Stefanelli, 1986; Rodrigues *et al.*, 2020).

A comunicação no ambiente de enfermagem é um elemento essencial para garantir uma assistência de qualidade e centrada no paciente sendo imprescindíveis nos mais diferentes contextos do cuidado em saúde (Silva *et al.*, 2023). A interação eficaz entre profissionais de saúde e pacientes favorece o acolhimento. No entanto, ainda existem desafios na aplicação da comunicação terapêutica, como o uso excessivo de termos técnicos e falhas na escuta ativa. A tecnologia surge como uma ferramenta complementar nesse processo, oferecendo recursos que podem otimizar o atendimento, agilizar registros e ampliar o acesso à informação (Lacerda, *et al.*, 2021; Silva *et al.*, 2023; Santos *et al.*, 2024).

2 OBJETIVO

Analisar evidências científicas sobre a prática da comunicação terapêutica entre enfermeiros e pacientes, destacando sua importância para a qualidade do cuidado e a construção do vínculo no contexto da enfermagem.

3 MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de uma Revisão Integrativa da Literatura, método de investigação que permite a busca, a avaliação crítica e a síntese das evidências disponíveis sobre um determinado tema. O produto final é o mapeamento do estado do conhecimento sobre a comunicação eficaz na enfermagem, analisando estratégias para aprimorar o cuidado e identificar fragilidades relacionadas à comunicação, as quais podem orientar o desenvolvimento de futuras investigações.

Dessa forma, a vasta quantidade de informações, profissionais, equipes e procedimentos realizados com o paciente demanda uma atualização contínua de informações entre pacientes,

familiares e profissionais, tornando-se essencial qualificar a comunicação (Biasibetti et al., 2019).

Para a elaboração do presente trabalho, empregou-se o delineamento sistemático proposto por Costa, Lopes e Limeira (2013), que consiste em seis etapas sequenciais:

a) identificação do tema e seleção da hipótese ou questão ou de pesquisa; b) busca na literatura; c) seleção e categorização dos estudos; d) avaliação dos estudos incluídos; e) interpretação dos resultados e f) apresentação da revisão/síntese do conhecimento.

3.1 Identificação do tema e seleção da hipótese

A escolha do tema 'Comunicação eficaz entre o enfermeiro e o paciente no âmbito hospitalar' surgiu da necessidade de evidenciar a importância das ações desenvolvidas na interação entre esses sujeitos, bem como o papel fundamental do profissional de enfermagem na promoção de uma comunicação eficiente no ambiente hospitalar, respaldada pelo Conselho Federal de Enfermagem. O tema proposto destaca a relevância da comunicação entre enfermeiro e paciente, considerando que o profissional de enfermagem é, geralmente, o primeiro a prestar assistência e a acompanhar todo o processo de cuidado dentro da unidade de saúde. Diante disso, os pesquisadores entraram em consenso quanto à pertinência de abordar essa temática na presente pesquisa.

Este estudo tem como questão norteadora: Quais os elementos essenciais para a comunicação eficaz entre os enfermeiros e pacientes? Foram utilizados os seguintes descritores: Equipe multidisciplinar, segurança do paciente, comunicação eficaz, liderança e enfermeiros, a comunicação eficaz pode orientar o paciente e seus familiares acerca das intervenções e procedimentos que serão realizados dentro da unidade hospitalar de forma clara e objetiva.

3.2 Busca na literatura

Os bancos de dados elegíveis para esta pesquisa foram: SciELO (Scientific Electronic Library Online), BVS (Biblioteca Virtual em Saúde), Revista Nursing (Edição Brasileira), Periódicos Capes e Google acadêmico, aplicando-se o período de 2003 a 2024. Inicialmente foram pesquisados os descritores no DECS (Descritores em Ciências da Saúde) e foram utilizados os seguintes: Equipe multidisciplinar, segurança do paciente, comunicação eficaz, liderança e enfermeiros. A busca de dados ocorreu no período de março de 2025.

3.3 Seleção e categorização dos estudos

Admitiram-se estudos experimentais, exploratórios, descritivos e qualitativos. Foram excluídos artigos publicados fora dos idiomas português, inglês ou espanhol e publicações duplicadas, além de resumos publicados em anais de eventos científicos.

Para esta revisão foram utilizados cinco critérios de revisão para os artigos incluídos na seleção final. Na primeira etapa, foram lidos os títulos dos artigos e os que não correspondiam ao tema do estudo foram considerados irrelevantes. Os títulos que não respondiam a questão de pesquisa foram removidos. Na próxima etapa as duplicatas foram removidas. Os resumos foram lidos e excluídos os estudos que não abordaram o tema ou não correspondiam aos desenhos de interesse. Os documentos são lidos para extrair e categorizar dados. Um resumo das etapas pode ser encontrado no fluxograma apresentado na Tabela 1.

Por meio do processo de busca, análise e seleção descrita anteriormente, foram incluídos nesta revisão integrativa 13 artigos.

Tabela 1- Etapa de seleção das publicações identificadas pelos descritores: Enfermagem equipe multidisciplinar, segurança do paciente, comunicação eficaz, liderança e enfermeiros.

1º	IDENTIFICAÇÃO	Artigos identificados nas bases de dados (N = 17.411)	GOOGLE ACADÊMICO: 16.600 BVS: 386 SCIELO: 259 PERIÓDICOS CAPES: 163 REVISTA NURSING: 3
2º	SELEÇÃO	Artigos selecionados para leitura do título e resumo (N = 180)	Artigos removidos por duplicação (N = 80)
3º	ELEGIBILIDADE	Artigos para leitura de texto completo para avaliar elegibilidade (N = 50)	Artigos excluídos pelo critério de exclusão e inclusão (N = 38)
4º	INCLUSÃO	Artigos incluídos na síntese qualitativa (N = 6) e quantitativa (N = 6) Total: 12 artigos	

Fonte: Adaptado do *The PRISMA 2020 statement: an updated guideline for reporting systematic reviews* - PRISMA (PAGE *et al.*, 2021).

3.4 Avaliação dos estudos incluídos

Os artigos selecionados foram minuciosamente avaliados pelos quatro autores com o intuito de que os dados fossem analisados e compilados, segundo o nível de evidência, sendo utilizada para tal finalidade uma tabela elaborada no *Microsoft Word* (Tabela 1), proposta por Brasileiro (2017).

Quadro 1 - Classificação dos níveis de evidências

Força	Nível	GERAL
Forte	1	Revisões sistemáticas, integrativas ou metanálise obtidas de pesquisas randomizadas.
Forte/moderada	2	Ensaio clínico randomizado, experimental, coorte.
Forte/moderada	3	Estudos de casos, não randomizados, quase-experimentais, controlados.
Moderada/Fraca	4	Estudos não experimentais, qualitativos, quantitativos, casos.
Moderada/ Fraca	5	Opiniões de especialistas, relatórios de dados
Moderada/ Fraca	6	Opiniões de autoridades, comitês.

Fonte: BRASILEIRO, 2017.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Perfil dos Estudos

Quadro 02 – Perfil dos estudos sobre Enfermagem, Comunicação eficaz entre o enfermeiro e o paciente, segurança do paciente, procedimentos a serem realizados, publicados entre 2002 e 2019.

Nº	REFERÊNCIAS	MÉTODO	NÍVEL DE EVIDÊNCIA PERIÓDICOS PROFISSÃO DOS PESQUISADORES E QUANTITATIVO
1	Cruz, <i>et al.</i> , (2002)	Trata-se de um estudo descritivo exploratório e observacional, com abordagem qualitativa.	4 Revista eletrônica de enfermagem online 2000 -2002 Mestre e Doutora em enfermagem N=3
2	Zinn, <i>et al.</i> (2003)	Trata-se de um estudo qualitativo, pelo qual realizou-se um levantamento da produção científica relacionado ao cuidado do paciente sedado	4 Revista UERJ 1990-2012 Docentes de enfermagem N= 5
3	Machado, <i>et al</i> (2006).	Trata-se de um estudo descritivo exploratório e observacional, com abordagem qualitativa.	4 Revista Brasileira de Enfermagem. 2006-2008 Especialista e Doutora em Enfermagem N= 6
4	Araújo, <i>et al.</i> (2006)	Os dados foram coletados no primeiro semestre de 2005, por meio de entrevistas semi-estruturadas, junto a 39 pacientes oncológicos sem prognóstico de cura, submetidos à quimioterapia paliativa em uma instituição hospitalar privada da cidade de São Paulo, Brasil.	4 Revista da Escola de Enfermagem da USP. Janeiro - Junho 2005. Mestre e docente de Enfermagem. N= 39

5	Pontes, <i>et al.</i> (2008)	Pesquisa descritiva-exploratória realizada em um Hospital Público de Fortaleza, CE, entre outubro e novembro de 2006. Participaram 14 pacientes e 12 enfermeiros, através de uma entrevista semi-estruturada. Os dados foram organizados em temáticas, discutidas com base na literatura.	4 Revista Brasileira de Enfermagem. Outubro-novembro 2006. Docentes de enfermagem. N= 19
6	Martins, <i>et al.</i> (2008)	Trata-se de estudo descritivo-exploratório e observacional, com abordagem quantitativa	4 Revista argumento da pontificia universidade católica do paraná 2008-2007 Mestre e doutores em psicologia e enfermagem N= 5
7	França, <i>et al.</i> (2010)	Trata-se de um estudo realizado em campo de natureza observacional e qualitativa.	4 Dissertação (mestrado em enfermagem) Abril 2010 Junho 2010 Mestre em Enfermagem N=8
8	Negreiros, <i>et al.</i> (2010)	Trata-se de estudo descritivo-exploratório e observacional, com abordagem quantitativa	4 Revista. Eletr. Enf 2010 Enfermeiras, mestre em enfermagem. N= 4
9	Rezende, <i>et al.</i> (2013)	Estudo descritivo, quantitativo, realizado na Clínica Cirúrgica de um Hospital Escola, localizado no município de João Pessoa/PB/Nordeste do Brasil. Participaram do estudo nove enfermeiros. A coleta de dados foi realizada no período de outubro de 2010 a fevereiro de 2011, por meio de um instrumento do tipo check-list e analisados pelo programa estatístico SPSS, depois da	4 Revista de Enfermagem UFPE online. outubro 2010- fevereiro 2011. Doutores, especialistas e mestres de Enfermagem. N= 9

		aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa, protocolo nº 114/10.	
10	Leitão, <i>et al.</i> (2013).	Trata-se de estudo descritivo, com abordagem qualitativa, realizado em janeiro de 2013 no maior hospital da rede pública de Fortaleza-CE. Corresponde a um recorte de pesquisa de maior abrangência intitulado: Segurança no gerenciamento do cuidado de enfermagem: enfoque nos tipos de erros relacionados à assistência à saúde.	4 Revista da Rede de Enfermagem janeiro de 2013 Mestre(a), doutor(a) e discente de Enfermagem. N= 37
11	Andrade, <i>et al.</i> (2014)	Estudo de caráter qualitativo, descritivo a partir de entrevistas realizadas à 28 enfermeiros assistenciais em unidades de internação de um hospital público da cidade de João Pessoa – PB	4 Revista Enfermagem UERJ Agosto 2012- Outubro 2012. Doutores e mestres de Enfermagem N= 28
12	Souto, <i>et al.</i> (2019)	Trata-se de uma pesquisa descritiva, de abordagem qualitativa, realizada em uma maternidade pública de Santa Catarina com Unidade Neonatal. Participaram nove profissionais de saúde (seis enfermeiras e três médicas)	4 Revista Psicologia e Saúde. Agosto 2017 - Novembro 2017 Psicóloga e mestre em psicologia.

Fonte: Os autores (2025).

Após análise dos estudos, foi possível incluir dez publicações, classificadas conforme o tipo de estudo, nível de evidência, periódico e profissão do pesquisador, das quais:

- Foram incluídos seis estudos qualitativos de nível 4, publicados nos anos de 2002, 2003, 2006, 2010 e 2013, além de seis estudos quantitativos de nível 4, publicados em 2006, 2008, 2010, 2013 e 2019.

Observa-se uma preocupação dos pesquisadores em elaborar estudos qualitativos, de caráter exploratório, o que explica a intenção da enfermagem em expor as evidências científicas e/ou a falta deles relacionadas à atuação do enfermeiro junto ao paciente, proporcionando uma comunicação eficaz durante todo o atendimento e a importância da informação passada de forma segura.

Quanto ao idioma, foram onze publicações em português. Dentre os profissionais que desenvolveram as pesquisas, estão: Enfermeiros, estudantes de enfermagem, doutores em enfermagem, mestres em enfermagem, doutorando em psicologia e docentes da área da enfermagem. Nos artigos selecionados, o estudo contou com a participação de 43 indivíduos, sendo 148 enfermeiros de ambos os sexos.

Cumprido ressaltar que os artigos seletos foram publicados nos seguintes periódicos: *Revista Scielo, Revista eletrônica de enfermagem online, Revista UERJ, Revista Brasileira de Enfermagem, Revista da Escola de Enfermagem da USP, Revista argumento da pontificia universidade católica do paraná, Revista de Enfermagem UFPE online, Revista da Rede de Enfermagem, Journal of Education, Technologies, and Health*. A apresenta o dos estudos supracitados permitiu identificar que a maioria deles foi publicada em língua portuguesa, por estudantes, doutores em enfermagem e demais profissionais da área da saúde, e todas as revistas são referentes   área da saúde.

Os estudos utilizados apresentaram perguntas semelhantes às perguntas desta pesquisa: Quais são as principais barreiras   comunica o eficaz entre enfermeiros e pacientes? Como a comunica o pode ser adaptada para diferentes contextos e pacientes?

Após análise dos estudos, foi possível acessar as categorias a seguir:

4.2 A comunica o do enfermeiro e paciente revela que a falta da comunica o terapêutica e o uso excessivo de termos técnicos com o paciente tem sido o principal obstáculo no cuidado assistencial.

De acordo com seis dos doze estudos analisados, os autores destacam que a comunica o com o paciente   uma ferramenta essencial no dia a dia da enfermagem, no entanto essa prática tem se tornado um desafio, visto que o problema não está apenas nas palavras ditas, mas na forma que está sendo transmitida para o paciente. Escutar com aten o sabendo interpretar os sinais verbais e não verbais, demonstrando empatia são atitudes essenciais para a constru o de um vínculo entre enfermeiro e paciente.

Quadro 03 - Estudos publicados entre 2002 e 2019 expõem as barreiras encontradas na comunicação entre enfermeiro e paciente.

Nº	REFERÊNCIAS	OBJETIVOS	RESULTADOS
1	<p>REZENDE, <i>et al.</i> Comunicação terapêutica entre enfermeiros e pacientes em pré-operatório durante a admissão em uma unidade de clínica cirúrgica. Journal of nursing UFPE/ revista de Enfermagem 2013. Disponível em: https://openurl.ebsco.com/EPDB%3Agcd%3A15%3A4766543/detailv2?sid=ebsco%3Aplink%3Ascholar&id=ebsco%3Agcd%3A90535610&crl=cv link origin=scholar.google.com.br. Acesso em: 01 abr. 2025</p>	<p>Analisar a comunicação terapêutica entre enfermeiros e pacientes em pré-operatório em uma unidade de Clínica Cirúrgica.</p>	<p>Observou-se que durante a maioria das admissões dos pacientes em pré-operatório realizadas pelos enfermeiros, a comunicação terapêutica não foi desenvolvida de modo efetivo, bem como seus aspectos verbais e não verbais. Torna-se relevante, um preparo técnico e humano para melhorar a assistência prestada durante o pré-operatório, no que se refere a comunicação.</p>
2	<p>PONTES, <i>et al.</i> Comunicação terapêutica em Enfermagem: instrumento essencial do cuidado. Revista Brasileira de Enfermagem, Brasília, v. 61, n. 3, p. 326-330, jun. 2008. Disponível em: https://www.scielo.br/j/reben/a/pfJgqD8hM7CNH6XLtjMk8Yh/?lang=pt. Acesso em: 06 abr. 2025.</p>	<p>O objetivo deste estudo foi analisar o processo de comunicação terapêutica desenvolvida por enfermeiros numa unidade de internação com base na teoria de Peplau</p>	<p>Os resultados revelam que, desde a admissão até a alta do paciente, há comunicação terapêutica e interação, sendo desenvolvido um relacionamento interpessoal. Muitas vezes, contudo, essa comunicação não é como deveria ser, pois a enfermeira pouco prioriza em seu tempo de trabalho as visitas junto aos pacientes. Estes têm dificuldade de distinguir as enfermeiras dos outros membros da equipe, dificultando a fase de aproximação e a comunicação terapêutica.</p>

3	<p>LEITÃO, <i>et al.</i> Análise da comunicação de eventos adversos na perspectiva de enfermeiros assistenciais. Revista da rede de Enfermagem no Nordeste, v.14, n.6, 2013. Disponível em: https://www.redalyc.org/pdf/3240/324029419003.pdf. Acesso em: 01 abr. 2025.</p>	<p>Este estudo tem como objetivo analisar o processo de comunicação de eventos adversos no contexto hospitalar, sob as perspectivas dos enfermeiros assistenciais.</p>	<p>Verificou-se que, embora haja relatos sobre a comunicação de eventos adversos na instituição, essa prática é fragilizada pela ausência de notificações e discussões sistemáticas. Além disso, a não conformidade entre os enfermeiros quanto à identificação dos formulários adequados para registro. Destaca-se, ainda, a persistência de uma cultura punitiva frente aos erros, com relatos de repreensões à equipe de enfermagem. Nesse cenário, as falhas na comunicação agravam a ocorrência de eventos adversos, dificultando o feedback e a implementação de medidas corretivas eficazes.</p>
4	<p>NEGREIROS, <i>et al.</i> Comunicação Terapêutica entre enfermeiros e pacientes de uma unidade hospitalar. Rev. Eletrônica de Enfermagem. Ceará, v.12, n.1, p.1-13, 2010. Disponível em: http://www.fen.ufg.br/revista/revista7_1/original_05.htm. Acesso em: 2 de Abr. 2025</p>	<p>A comunicação é uma competência diária dos enfermeiros, sendo fator determinante na relação de ajuda e indicador na avaliação dos cuidados prestados. Dessa forma, objetivou-se descrever a comunicação terapêutica entre enfermeiros e pacientes no ambiente hospitalar.</p>	<p>O estudo aponta que, apesar de os enfermeiros utilizarem técnicas comunicativas no dia a dia, muitas vezes o fazem sem consciência ou treinamento adequado, tornando a comunicação pouco eficaz. O uso excessivo de linguagem técnica é identificado como uma barreira ao diálogo com pacientes. Para melhorar a comunicação terapêutica nos hospitais, sugere-se uma revisão do dimensionamento da equipe de enfermagem, já que a sobrecarga compromete a assistência. Além disso, destaca-se a necessidade de investimento na educação permanente e na inclusão do ensino da comunicação nos cursos de enfermagem, visando aprimorar o serviço prestado.</p>

5	<p>MARTINS, <i>et al.</i> Comunicação no contexto de reabilitação: O encontro entre enfermeiro e paciente. Rev. Argumento da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, v.42, n.2, p.123-134, 2008. Disponível em: https://periodicos.pucpr.br/psicologiaargumento/article/view/19643 Acesso: 11 de Abril de</p>	<p>Este estudo tem como objetivo compreender a qualidade da comunicação em saúde que tem sido associada à satisfação com a prática assistencial por parte de pacientes e profissionais. Considerando tal perspectiva, a presente pesquisa teve por objetivo ampliar a compreensão sobre a comunicação enfermeiro-paciente no contexto de reabilitação.</p>	<p>O estudo destaca que, embora muitos enfermeiros não tenham conhecimento formal sobre técnicas comunicativas, eles as utilizam no dia a dia, porém de forma ineficaz. O uso excessivo de linguagem técnica, aprendido na formação acadêmica, acaba dificultando a comunicação com os pacientes. Para melhorar a comunicação terapêutica nos hospitais, o estudo sugere discutir o dimensionamento da equipe de enfermagem e investir em educação permanente. Além disso, reforça a importância de incluir o ensino da comunicação nos cursos de graduação em enfermagem, pois essa habilidade é essencial para uma assistência de qualidade.</p>
---	--	--	--

6	<p>CRUZ, <i>et al.</i> Admissão em centro cirúrgico como espaço de cuidado. Rev. Eletrônica de Enfermagem Online, v.4, n.1, p.51-58,2002. Disponível em: https://revistas.ufg.br/index.php/fen/article/view/742/803. Acesso em: 14 abr.2025</p>	<p>O objetivo deste estudo é descrever o cuidado da enfermeira na admissão de pessoas em Centro Cirúrgico, a partir da observação assistemática deste profissional, realizando este procedimento.</p>	<p>O estudo mostrou que, apesar da preocupação da enfermeira em oferecer um cuidado humanizado na admissão do paciente no centro cirúrgico, ainda há desafios. A enfermagem busca acolher e criar vínculos, mesmo com as limitações do ambiente técnico. Porém, a comunicação é fragilizada, o que prejudica o cuidado integral. Além disso, o apoio da equipe médica, especialmente a cirúrgica, é difícil, priorizando o procedimento técnico em vez das necessidades emocionais do paciente. Isso afeta a integração entre os profissionais e a construção de um cuidado interdisciplinar e centrado no ser humano.</p>
7	<p>ANDRADE, <i>et al.</i> Comunicação de notícias difíceis para pacientes sem possibilidade de cura e familiares: atuação do enfermeiro. Revista Enfermagem UERJ, Rio de Janeiro, v. 22, n. 5, p. 674–679, set./out. 2014. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/enfermagemuerj/article/view/5748. Acesso em: 4 jul. 2025.</p>	<p>O estudo objetivou investigar a atuação do enfermeiro no que concerne à comunicação de notícias difíceis ao paciente sem possibilidade de cura e a aos seus familiares</p>	<p>O estudo evidenciou que a comunicação de notícias difíceis por enfermeiros a pacientes terminais é um desafio, devido à falta de preparo emocional. Destacou-se o papel fundamental do enfermeiro na integralidade do cuidado, utilizando estratégias que favorecem a compreensão da situação e a adesão ao tratamento. A pesquisa contribui para o avanço da enfermagem ao reforçar a importância da comunicação eficaz na prática clínica com pacientes sem possibilidade de cura.</p>

8	<p>SOUTO, <i>et al.</i> Profissionais de saúde e comunicação de más notícias: experiências de uma unidade neonatal. Revista Psicologia e Saúde, Campo Grande, v. 11, n. 3, p. 173–184, set./dez. 2019. ISSN 2177-093X. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-093X2019000300012. Acesso em: 4 jul. 2025.</p>	<p>O objetivo deste estudo foi investigar as experiências e formas de enfrentamento de profissionais de saúde diante da comunicação de más notícias em uma Unidade Neonatal.</p>	<p>O estudo evidenciou que a maioria dos profissionais de saúde não se sente preparada para comunicar más notícias, agindo muitas vezes por intuição e sem refletir sobre o processo. Já aqueles que se consideram preparados baseiam-se em modelos de outros profissionais e em experiências anteriores.</p>
---	---	--	---

Fonte: Os autores (2025).

Os autores concordam que a escassez de informações e as barreiras existentes são fatores determinantes que prejudicam a comunicação entre os enfermeiros e o paciente.

Rezende *et al.* (2013) através de seu estudo descritivo com abordagem quantitativo realizado em Clínica Cirúrgica de um Hospital Escola, localizado no município de João Pessoa/PB/Nordeste do Brasil, destaca que a maioria das admissões de pacientes em pré-operatório realizadas pelos enfermeiros, a comunicação terapêutica, tanto verbal quanto não verbal, não foi efetivamente desenvolvida. Isso evidencia a necessidade de um preparo técnico e humano mais adequado, a fim de aprimorar a qualidade da assistência prestada nesse momento.

Pontes *et al.* (2008) com base no seu estudo do tipo descritivo-exploratório, realizado em um Hospital Público de Fortaleza, CE. Mostram que a comunicação terapêutica nem sempre é eficaz, pois as enfermeiras frequentemente não priorizam visitas aos pacientes durante o turno. Como consequência, os pacientes têm dificuldade em reconhecer as enfermeiras entre os demais membros da equipe, o que compromete a aproximação e a comunicação terapêutica.

Leitão, *et al.* (2013) realizaram um estudo do tipo descritivo, com abordagem qualitativa, realizado no maior hospital da rede pública de Fortaleza-CE. Embora tenha relatos de que a instituição realiza a comunicação de eventos adversos, observou-se que esse processo ainda é frágil e ameaçado. Um dos fatores que contribuem para falhas na notificação de eventos adversos é a falta de consenso entre os enfermeiros sobre os formulários corretos a serem usados. Outro problema é a cultura punitiva, que desestimula o aprendizado com os erros e gera

medo na equipe, dificultando a notificação. Além disso, a falta de retorno claro sobre as consequências dos eventos e de propostas para evitá-los impede melhorias efetivas, aumentando o risco de reincidência.

Negreiros, *et al.* (2010) por meio do seu estudo do tipo descritivo-exploratório e observacional, com abordagem quantitativa evidenciam que mesmo os enfermeiros se comunicando com os pacientes no dia a dia, muitas vezes eles fazem isso de forma automática, sem terem o devido conhecimento para se comunicar-se de forma efetiva. Isso pode atrapalhar o entendimento dos pacientes, especialmente quando os enfermeiros usam muitos termos técnicos que os pacientes não conhecem. Também é mencionado que o excesso de trabalho atrapalha ainda mais essa comunicação, porque os profissionais ficam sobrecarregados e não conseguem dar a atenção necessária ao paciente.

Martins, *et al* (2008) traz um estudo do tipo descritivo-exploratório e observacional, com abordagem quantitativa destacando que a forma como os enfermeiros se comunicam não é eficiente. Um dos principais obstáculos é o uso excessivo de termos técnicos, aprendidos durante a faculdade, que dificultam a compreensão por parte dos pacientes. Para melhorar esse cenário, o estudo propõe que os hospitais avaliem melhor o número de profissionais de enfermagem por turno e investem continuamente na capacitação da equipe. Também destaca a importância de ensinar habilidades de comunicação já na graduação em enfermagem, pois saber se comunicar bem é fundamental para oferecer um atendimento assistencial de qualidade.

Cruz, *et al.* (2002) desenvolveu um estudo qualitativo a partir de um relato de experiência, pelo qual realizou-se uma observação em relação ao cuidado de três enfermeiras. O estudo mostrou que, apesar da preocupação da enfermeira em oferecer um cuidado humanizado na admissão do paciente no centro cirúrgico, ainda há desafios. A enfermagem busca acolher e criar vínculos, mesmo com as limitações do ambiente técnico. Porém, a comunicação é fragilizada, o que prejudica o cuidado integral. Além disso, o apoio da equipe médica, especialmente a cirúrgica, é difícil, priorizando o procedimento técnico em vez das necessidades emocionais do paciente. Isso afeta a integração entre os profissionais e a construção de um cuidado interdisciplinar e centrado no ser humano.

Andrade, *et al.* (2014) desenvolveu um estudo descritivo de natureza qualitativa, com o objetivo de investigar a atuação do enfermeiro no que concerne à comunicação de notícias difíceis ao paciente sem possibilidade de cura e a aos seus familiares, e foi possível chegar ao resultado final que a comunicação de notícias difíceis entre enfermeiros e paciente terminal, ressalta que esta tarefa é difícil de ser realizada, devido à falta de preparo para lidar com os aspectos subjetivos que envolvem esse processo, como o sofrimento manifestado pelo profissional e as reações do paciente.

Souto, *et al.* (2019) traz um estudo descritivo com abordagem qualitativa onde a pesquisa foi realizada em uma maternidade pública de Santa Catarina com Unidade Neonatal, seguindo os princípios da atenção humanizada do Método Canguru. Participaram nove profissionais de saúde (seis enfermeiras e três médicas), selecionadas por conveniência, que já haviam comunicado más notícias. O estudo teve como resultado a necessidade de espaços para que profissionais de saúde reflitam sobre suas práticas na comunicação de más notícias, apontando a importância do embasamento teórico e da educação continuada. A falta de preparo, a ausência de protocolos e a sobrecarga de trabalho dificultam o aperfeiçoamento nessa área. Embora o estudo apresenta limitações, como o uso exclusivo de entrevistas semiestruturadas, seus achados são relevantes e sugerem a ampliação das pesquisas com outros profissionais da Unidade Neonatal.

Os estudos de Souto (2019) e Andrade (2014) evidenciam que a comunicação de más notícias ainda é um grande desafio para os profissionais de saúde, especialmente na Enfermagem. A pesquisa de Souto revela que muitos profissionais não se sentem preparados para esse momento, agindo por intuição e sem apoio de protocolos ou formação específica, o que reforça a necessidade de educação continuada e espaços de reflexão sobre a prática. Já Andrade destaca a importância da comunicação eficaz como parte do cuidado integral ao paciente terminal, ressaltando que o enfermeiro, mesmo diante das dificuldades emocionais, pode desenvolver estratégias que favorecem a compreensão da situação e fortalecem o vínculo com o paciente. Ambos os estudos reforçam que comunicar notícias difíceis exige preparo emocional, sensibilidade e embasamento teórico.

Entretanto durante a análise dos estudos de Rezende *et al* (2013), Pontes *et al* (2008), Leitão *et al* (2013), Negreiros *et al* (2010), Martins *et al* (2008), Cruz *et al* (2002), é possível constatar que desde a admissão do paciente até a alta hospitalar a comunicação entre enfermeiros e pacientes apresenta fragilidades significativas, que acarreta na falha da construção de vínculo, a inexatidão nos processos de comunicação institucional contribuem para esse cenário. A ausência de retorno com informações claras sobre as consequências dos eventos adversos e a inexistência de estratégias concretas para a prevenção de novas ocorrências dificultam a implementação de melhorias efetivas. Como resultado, a resolução dos problemas torna-se insatisfatória, aumentando a probabilidade de recorrência e perpetuando um ciclo de risco para os pacientes, outro elemento significativo que influenciam no dia a dia da enfermagem e a permanência de uma cultura punitiva no ambiente organizacional, essa postura institucional gera um ambiente inseguro com profissionais sobrecarregados, que consequentemente afetará no serviço assistencial prestado ao paciente. Os autores também abordaram o uso excessivo de terminologias técnicas no cotidiano assistencial, o que interfere no entendimento e raciocínio do paciente sobre sua condição. As concordâncias sobre os estudos os citados são:

- A comunicação terapêutica, tanto verbal quanto não verbal, mostrou-se insuficientemente desenvolvida (75%);

- O uso excessivo de termo/linguagem técnica gera eventos adversos na comunicação entre enfermeiro e paciente (50%);
- A forma como o cuidado é prestado ao paciente, influencia diretamente no seu bem estar (25%).

Perante o exposto, percebe-se que a comunicação ineficaz entre enfermeiro e paciente se dá muito ao fato do ambiente em que o profissional atua, e para que se tenha melhoria na prática assistencial é preciso ter investimentos contínuos e permanentes em cursos de extensão e palestras na área de comunicação, para que o enfermeiro saiba se comunicar tanto com sua equipe quanto com o paciente, é importante frisar também, saber fazer o dimensionamento entre a equipe de enfermagem, para que o serviço assistencial prestado ao paciente seja sempre efetivo.

4.3 A relação interpessoal na prática de enfermagem destaca-se como elemento fundamental para construção do vínculo de segurança com o paciente, evidenciando a importância da comunicação não verbal e a valorização da escuta ativa e empática no contexto do cuidado terapêutico.

Baseado nos seis artigos, dos doze selecionados para esta apreciação, a comunicação eficaz entre os enfermeiros e pacientes é de suma importância. Identificou-se que a comunicação interpessoal é essencial, já que a prática da mesma propicie um vínculo de confiança tanto com o paciente quanto para a família e a equipe, garantindo a continuidade do cuidado de forma clara e segura. É notório que o enfermeiro executa um papel fundamental na conduta para uma assistência assertiva considerando o contexto clínico do paciente.

Quadro 04 - A comunicação eficaz e a enfermagem como vínculo para a construção da relação interpessoal com os pacientes, em estudos publicados entre 2003 e 2019.

Nº	REFERÊNCIAS	OBJETIVOS	RESULTADOS
1	<p>ZINN, <i>et al.</i>. Comunicar-se com o paciente sedado: Vivência de quem cuida. Rev. Latino-AM. Enfermagem. São Paulo, v.11, n.3, p.326-332,2003. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1590/S0104-11692003000300010. Acesso: 22 març. 2025.</p>	<p>Este estudo tem como objetivo compreender os processos de comunicação com pacientes sedados, a partir das experiências vivenciadas por enfermeiras que atuam diretamente nesse cuidado.</p>	<p>Conclui-se que essa comunicação com pacientes sedados é viável, principalmente por meios não verbais, dependendo do grau de sedação e da percepção da equipe de enfermagem. Essa interação requer sensibilidade, escuta ativa e práticas empáticas no cuidado a pacientes com consciência alterada.</p>
2	<p>MACHADO, <i>et al.</i>. Comunicação não-verbal de idosos frente ao processo de dor. Rev. Brasileira de Enfermagem. 2006 Disponível em:https://www.scielo.br/j/reben/a/RDfWpcFMfdJSbKYpVkkym4M/?lang=pt. Acesso em: 14 abr. 2025.</p>	<p>Identificar por meio da interpretação dos enfermeiros, quais os mecanismos encontrados pelos pacientes idosos para expressar a dor quando estão impossibilitados de utilizar a comunicação verbal.</p>	<p>A pesquisa mostra a importância do relacionamento entre enfermeiro-paciente quando aplicado a sistematização da assistência de enfermagem individualizada, em especial na admissão do paciente e na construção do processo do histórico de enfermagem, a interpretação rápida e a percepção para identificação de sinais e sintomas do paciente idoso frente ao processo doloroso por meio da comunicação não verbal.</p>
3	<p>ARAÚJO, <i>et al.</i>. A comunicação com o paciente em cuidados paliativos: valorizando a alegria e o otimismo. Revista da Escola de Enfermagem da USP, São Paulo, v. 41, n. 4, p. 348-354, dez. 2006. Disponível em: https://www.scielo.br/j/reusp/a/pCsdGFyV45fnyQmNpTGh5Bz/. Acesso em: 06 abr. 2025.</p>	<p>Identificar as expectativas de pacientes que vivenciam os cuidados paliativos relacionados à comunicação com a equipe de enfermagem.</p>	<p>Os resultados dos dados coletados dos discursos dos entrevistados comprovam que a comunicação interpessoal é um importante atributo do cuidado paliativo, evidenciando a atenção dada aos sinais não verbais do profissional para o estabelecimento do vínculo de confiança.</p>

4	<p>PONTES, <i>et al.</i> Comunicação terapêutica em Enfermagem: instrumento essencial do cuidado. Revista Brasileira de Enfermagem, Brasília, v. 61, n. 3, p. 326-330, jun. 2008. Disponível em: https://www.scielo.br/j/reben/a/pfJgqD8hM7CNH6XLtjMk8Yh/?lang=pt. Acesso em: 06 abr. 2025.</p>	<p>O objetivo deste estudo foi analisar o processo de comunicação terapêutica desenvolvida por enfermeiros numa unidade de internação com base na teoria de Peplau.</p>	<p>Os resultados mostram que, do momento até a alta, há comunicação e interação, favorecendo o relacionamento interpessoal. No entanto, essa comunicação nem sempre é efetiva, pois as enfermeiras nem sempre priorizam visitas aos pacientes, dificultando a aproximação. Como resultado, os pacientes têm dificuldade em distingui-las dos demais profissionais, o que compromete a comunicação terapêutica.</p>
5	<p>MARTINS, <i>et al.</i> Comunicação no contexto de reabilitação: O encontro entre enfermeiro e paciente. Rev. Argumento da Pontifícia Universidade Católica do Paraná. v.42, n.2, p.123-134, 2008. Disponível em: https://periodicos.pucpr.br/psicologiaargumento/article/view/19643 Acesso: 11 abr. de 2025</p>	<p>Este estudo tem como objetivo compreender a qualidade da comunicação em saúde que tem sido associada à satisfação com a prática assistencial por parte de pacientes e profissionais.</p>	<p>O estudo aponta que, embora muitos enfermeiros não tenham formação específica em técnicas comunicativas, utilizaram-nas de forma ineficaz no cotidiano. O uso excessivo de linguagem técnica, aprendido na graduação, dificulta a comunicação com os pacientes. Para melhorar a comunicação terapêutica, recomenda-se discutir o dimensionamento da equipe, investir em educação permanente e incluir o ensino da comunicação nos cursos de enfermagem, por ser essencial para uma assistência de qualidade.</p>
6	<p>FRANÇA, <i>et al.</i> cuidados paliativos: relação dialógica entre enfermeiros e crianças com câncer. Dissertação (mestrado de enfermagem) João Pessoa 2010. Disponível em https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/5055 Acesso 13 de abril 2025</p>	<p>Este estudo tem como objetivos investigar a compreensão dos enfermeiros assistenciais sobre cuidados paliativos; identificar as estratégias utilizadas na promoção desses cuidados para crianças com câncer em fase terminal.</p>	<p>Este estudo mostrou a importância de uma abordagem centrada nestas crianças, mediante uma relação E-U-TU (relação interpessoal) autêntica dos enfermeiros com as crianças citadas, pautadas nos Cuidados Paliativos, promovendo o desenvolvimento de um processo terapêutico. Os resultados mostram também que os enfermeiros utilizam estratégias úteis e adequadas e atendem às necessidades das referidas crianças e suas famílias no contexto dos cuidados abordados em toda a sua dimensão.</p>

Fonte: Os autores (2025).

Observa-se nos estudos retratados no quadro nº 04, os autores apontam que a atuação da comunicação entre enfermeiro e paciente ao longo da assistência prestada é fundamental, evidenciando a importância de fomentar essa interação. Recomenda-se a adoção da comunicação interpessoal de forma clara e direta, adaptações para comunicação não verbal e padronização de técnicas comunicativas que favoreçam a criação do vínculo, enfatizando o papel do enfermeiro nesse processo.

Zinn, *et al.* (2003) desenvolveram um estudo qualitativo, pelo qual realizou-se um levantamento da produção científica relacionado ao cuidado do paciente sedado. Entende-se que é possível se comunicar com pacientes sedados, especialmente por sinais não verbais como expressões faciais ou movimentos. Essa comunicação depende do quanto o paciente está sedado e da sensibilidade da equipe de enfermagem para perceber esses sinais. Por isso, o cuidado precisa ser empático e atento.

Machado *et al.* (2006) realizaram uma pesquisa exploratória-observacional com abordagem qualitativa, entrevistando seis enfermeiros em um hospital filantrópico. O objetivo foi compreender como o enfermeiro identifica a dor em pacientes idosos e os mecanismos utilizados por esses pacientes para expressá-los quando não conseguem se comunicar verbalmente. A pesquisa evidenciou a relevância do enfermeiro-paciente e da aplicação individualizada da sistematização da assistência de enfermagem durante a admissão e da construção do histórico.

Araújo *et al.* (2006) realizaram uma pesquisa exploratória-descritiva qualitativa com 39 pacientes oncológicos sem prognóstico de cura, em tratamento quimioterápico no Instituto Brasileiro de Câncer em São Paulo. O objetivo foi compreender as expectativas desses pacientes em relação à comunicação com a equipe de enfermagem. Os resultados destacaram quatro categorias principais: a importância da comunicação e do relacionamento interpessoal na terminalidade; a confiança estabelecida por meio da leitura não verbal; o desejo de não focar apenas no estado clínico; e a valorização de uma comunicação verbal otimista e compassiva que conforta e consola. Conclui-se que a comunicação empática e o vínculo interpessoal são fundamentais para pacientes em fim de vida, exigindo dos profissionais escuta qualificada, sensibilidade e mudança de atitude para desenvolver planos de cuidado mais eficazes.

Pontes *et al.* (2008), com base em seu estudo descritivo-exploratório realizado em um hospital público de Fortaleza, CE, demonstram que há comunicação e interação entre enfermeira e paciente desde a admissão até a alta, o que favorece o desenvolvimento de um relacionamento interpessoal. Assim, a comunicação pautada na escuta ativa entre a equipe

multidisciplinar de enfermagem e o paciente é essencial para a construção de um vínculo de confiança e para a efetividade do cuidado.

Martins, *et al* (2008) trazem um estudo do tipo descritivo-exploratório e observacional, com abordagem quantitativa, destacando que muitos enfermeiros, mesmo sem formação específica em técnicas de comunicação, acabam usando essas práticas no dia a dia.

França *et al.* (2010), por meio de uma pesquisa de campo qualitativo e observacional com dez enfermeiros(as) em uma unidade pediátrica de um hospital público em João Pessoa, evidenciaram a importância da abordagem holística na assistência à criança sem possibilidade terapêutica de cura e suas famílias, visando à melhor qualidade de vida. O estudo destacou a relevância da relação interpessoal autêntica (EU-TU) entre enfermeiros e as crianças, centrada nos cuidados paliativos, como promotora do processo terapêutico. Ressalta-se, assim, a necessidade de estratégias adequadas para atender às demandas dessas crianças e de suas famílias em toda a sua complexidade.

Zinn (2003), Machado *et al* (2006) discorrem sobre a importância da comunicação não verbal no cuidado de pacientes que não conseguem se expressar verbalmente. Os principais pontos abordados incluem a atuação empática e individualizada por parte da equipe de enfermagem e a ênfase na observação cuidadosa e na interpretação de sinais sutis, pois contribuem para uma escuta sensível e percepção clínica que são fundamentais no atendimento aos pacientes.

Araújo *et al.* (2006) e Pontes *et al* (2008) discorrem sobre a relevância da comunicação no relacionamento interpessoal entre a equipe de enfermagem e o paciente no contexto de fragilidades, como o tratamento oncológico ou a internação hospitalar. Os principais pontos abordados incluem a comunicação empática, sensível e baseada na escuta ativa. Os autores destacam também que esses pontos são fundamentais para o estabelecimento de vínculos de confiança, o que impacta positivamente no bem estar do paciente, além disso, defendem a qualidade da comunicação entre enfermeiros e pacientes, pois é um fator que contribui para uma assistência mais eficaz, humanizada e centrada na pessoa.

Martins, *et al.* (2008) e França, *et al* (2010), embora realizados em contextos distintos, os dois discorrem e concordam que a valorização da comunicação é um elemento essencial no cuidado de enfermagem. Os principais pontos abordados incluem a comunicação eficaz que influencia diretamente na qualidade da assistência prestada ao paciente. Os autores também pontuam que a comunicação seja com o paciente, família ou entre os profissionais da saúde é um instrumento importante para a humanização, a segurança e a eficácia na prática de enfermagem.

Estudos realizados e apresentados por Zinn (2003), Machado *et al.* (2006), Araújo *et al.* (2006), Pontes *et al.* (2008), Martins *et al.* (2008) e França *et al.* (2010), discorrem sobre a importância da comunicação interpessoal e eficaz entre enfermeiro e paciente. Os principais pontos abordados incluem a comunicação eficaz, visto que contribui positivamente na melhora da segurança ao paciente, como também desenvolve uma melhor qualidade na assistência prestada. Os autores evidenciam também sobre a constituição de um vínculo de confiança que corrobora a continuidade do cuidado. As concordâncias citadas são:

- A importância da comunicação não verbal para pacientes que não conseguem se expressar verbalmente (43%);
- A relação interpessoal entre enfermeiro, paciente, e as equipes como relevância para evolução do processo terapêutico (43%);
- A enfermagem se faz importante na qualidade da comunicação (43%);
- Valorização da escuta ativa e empática (29%);
- Construção de vínculo de confiança para melhor qualidade no atendimento (29%).

Diante do exposto, torna-se evidente a importância da comunicação interpessoal e eficaz, visto que contribui consideravelmente para a eficiência dos cuidados prestados e para a efetividade durante as trocas de informações entre o enfermeiro e paciente por intermédio da linguagem verbal ou não verbal. Nesse contexto, a enfermagem tem um papel crucial na comunicação, pois quando o profissional a estabelece de maneira clara e apropriada, cria-se um ambiente de confiança e segurança, proporcionando assim um vínculo terapêutico que promove a seguridade e a compreensão das necessidades apresentadas pelo paciente.

Finalmente, os estudos de campo concordam com os estudos de revisão apresentados no referencial teórico, pois a comunicação eficaz entre enfermeiros e pacientes é apontada como essencial para a construção de uma relação de confiança, garantindo um atendimento seguro, acolhedor e centrado nas necessidades individuais. Os estudos destacam que essa comunicação deve ser clara, empática e respeitosa, adaptando-se ao nível de compreensão do paciente. O primeiro contato deve ser marcado pela escuta ativa e empática, contemplando tanto as necessidades físicas quanto emocionais. Assim, o enfermeiro fortalece o vínculo com o paciente, promove o cuidado humanizado e assegura proteção e segurança durante todo o processo assistencial.

Apesar da reconhecida importância da comunicação terapêutica, ainda existem falhas significativas na prática profissional, muitas vezes atribuídas à falta de formação adequada e ao uso excessivo de linguagem técnica. Há consenso sobre a necessidade de desenvolver

estratégias que estimulem a escuta ativa e reforcem a relação de confiança. Investir em treinamentos contínuos e no ensino da comunicação na graduação em enfermagem é apontado como essencial, sobretudo considerando que muitos currículos ainda não abordam essa competência de forma estruturada. Protocolos específicos para momentos críticos, como a passagem de plantão, também são necessários para garantir a segurança do paciente e a efetividade do cuidado.

Estudos buscando compreender como a qualidade da comunicação em saúde se relaciona com a prática assistencial, sugerem que embora muitos enfermeiros não tenham conhecimento formal sobre técnicas comunicativas, eles as utilizam no dia a dia de forma eficaz (Martins *et al.*, 2008), já Negreiros *et al.* (2010), apontaram que, embora os enfermeiros utilizem técnicas comunicativas em sua rotina, muitas vezes o fazem de forma pouco consciente, o que compromete a eficácia da comunicação. Além disso, o uso excessivo da linguagem técnica foi identificado como uma barreira ao diálogo com os pacientes (Martins *et al.*, 2008; Negreiros *et al.*, 2010).

O uso excessivo de linguagem técnica, aprendido na formação acadêmica, acaba dificultando a comunicação com os pacientes. Para melhorar a comunicação terapêutica nos hospitais, o estudo sugere discutir o dimensionamento da equipe de enfermagem e investir em educação permanente. Além disso, reforça a importância de incluir o ensino da comunicação nos cursos de graduação em enfermagem, pois essa habilidade é essencial para uma assistência de qualidade.

Um estudo realizado por Zinn *et al.* (2003), publicado na Revista Latina Americana de Enfermagem, teve como objetivo compreender a comunicação com pacientes sedados, por meio da vivência/experiência de enfermeiras que cuidam desses pacientes e, uma vez levantada sua existência, descreve como essa comunicação ocorre. Os resultados deste estudo indicam que a comunicação com pacientes sedados pode ocorrer por meio de formas verbais e não verbais, dependendo da intensidade da sedação e da percepção atribuída à condição do paciente.

Uma análise conduzida por Martins *et al.* (2008), publicada na revista Argumento, Pontifícia Universidade Católica do Paraná teve por objetivo compreender a qualidade da comunicação em saúde que tem sido associada a satisfação com a prática assistencial por parte de pacientes e profissionais. Os resultados observados mostram que embora muitos enfermeiros não tenham conhecimento formal sobre técnica, comunicativas, eles as utilizam no dia a dia de forma eficaz. O uso excessivo de linguagem técnica, aprendido na formação acadêmica, acaba dificultando a comunicação com os pacientes. Para melhorar a comunicação terapêutica nos hospitais, o estudo sugere discutir o dimensionamento da equipe de enfermagem

e investir em educação permanente. Além disso, reforça a importância de incluir o ensino da comunicação nos cursos de graduação em enfermagem, pois essa habilidade é essencial para uma assistência de qualidade.

Um estudo elaborado por Negreiros *et al.* (2010), publicado na Revista Eletrônica de Enfermagem, teve como objetivo descrever a comunicação terapêutica entre enfermeiros e pacientes no âmbito hospitalar. Os resultados deste estudo apontaram que, embora os enfermeiros utilizem técnicas comunicativas em sua rotina, muitas vezes o fazem de forma pouco consciente, o que compromete a eficácia da comunicação. Além disso, o uso excessivo da linguagem técnica foi identificado como uma barreira ao diálogo com os pacientes.

Para melhorar a comunicação terapêutica nos hospitais, sugere-se uma revisão do dimensionamento da equipe de enfermagem, já que a sobrecarga compromete a assistência. Além disso, destaca-se a necessidade de investimento na educação permanente e na inclusão do ensino da comunicação nos cursos de enfermagem, visando aprimorar o cuidado prestado.

Um estudo elaborado por França, *et al* (2010) objetiva investigar a compreensão de enfermeiros assistenciais sobre os Cuidados Paliativos; identificar as estratégias empregadas por enfermeiros para a promoção de Cuidados Paliativos direcionados à criança com câncer em fase terminal; averiguar como o enfermeiro utiliza a comunicação, ao assistir a criança com câncer, em fase terminal e analisar como se dá a relação dialógica entre enfermeiro e criança com câncer, em fase terminal.

Além disso, esse estudo permite concluir que os enfermeiros pesquisados partilham um cuidar genuíno com as crianças abordadas e suas famílias, sendo sensíveis a partir de uma perspectiva holística, pautada no respeito à sua singularidade. Esse trabalho abre novos horizontes no campo da assistência, ensino e pesquisa em Enfermagem, com ênfase na valorização da relação dialógica entre enfermeiros e crianças com câncer em fase terminal, tendo como foco central os Cuidados Paliativos. Espera-se que este estudo possa subsidiar novas investigações sobre a temática, uma vez que ainda são incipientes as pesquisas que abordam a inter-relação entre os Cuidados Paliativos e a Teoria Humanística no atendimento a crianças em fase terminal de câncer.

Um estudo elaborado por Rezende, *et al.* (2013), publicado na revista de Enfermagem UFPE online, objetivou analisar a comunicação terapêutica entre enfermeiros e pacientes em pré-operatório em uma unidade de clínica cirúrgica. O estudo busca compreender como os enfermeiros se comunicam com os pacientes no momento da admissão cirúrgica, observando aspectos verbais e não verbais, além de identificar as falhas e oportunidades de melhoria na comunicação profissional-paciente. Observou-se que, durante a maioria das admissões dos

pacientes em pré-operatório realizadas pelos enfermeiros, não foi desenvolvida de modo efetivo a comunicação terapêutica, bem como seus aspectos verbais e não verbais.

Um estudo conduzido por Sinno (2015), publicado na Revista Brasileira de Enfermagem, teve como objetivo situar a problemática da comunicação entre a equipe de enfermagem e o cliente. A pesquisa discute os principais obstáculos que dificultam essa comunicação, como a rigidez da rotina nos serviços de saúde, a formação técnica dissociada do aspecto humano e a cultura de distanciamento emocional por parte dos profissionais. O autor defende que é possível construir uma relação autêntica e humanizada, baseada na empatia, sensibilidade e acolhimento

Um estudo elaborado por Settani *et al* (2019), publicado na Revista de Enfermagem UFPE online, buscava analisar a contribuição da comunicação de enfermagem para a segurança do paciente. Os resultados encontrados pelos autores apontaram a importância da comunicação não apenas na passagem de plantão, mas em todo o processo de cuidado, como uma ferramenta crucial para que os profissionais repassem informações clínicas relevantes de forma clara e objetiva, garantindo a continuidade da assistência ao paciente. Observou-se que a comunicação da enfermagem e entre setores repercute diretamente na segurança do paciente, visto que registra e fornece informações condizentes a todo o processo de cuidado e propicia um ambiente de trabalho harmonioso com assistência livre de danos.

Um estudo elaborado por Gomes *et al.* (2019), publicado na Revista de Rede Cuidados à Saúde. Este estudo, que é uma pesquisa qualitativa, descritiva de revisão bibliográfica, tem como objetivo destacar a importância da comunicação na relação entre família, equipe de enfermagem paciente em finitude; ressaltar a relevância dos familiares na habilidade e presteza da assistência estabelecida ao doente oncológico em cuidados paliativos. Este artigo reconhece a importância da atuação da equipe multiprofissional como ponto de partida para uma comunicação eficaz e integrada, destacando a família como elemento essencial no contexto de terminalidade do paciente. Busca-se, assim, minimizar ansios e angústias associados à progressão dos sintomas descritos no prognóstico, ressaltando a necessidade de um cuidado holístico e humanizado, fundamentado no conhecimento científico. O objetivo é oferecer uma assistência mais qualificada ao paciente e à sua família, visando à redução de danos irreversíveis relacionados a fatores emocionais e psicológicos, diante da certeza da morte iminente nas circunstâncias vivenciadas pela pessoa em finitude.

Os estudos foram realizados por Zinn *et al.* (2003), Martins *et al.* (2008), Negreiros *et al.* (2010), Rezende *et al.* (2013), Sinno (2015), Settani *et al.* (2019), Gomes *et al.* (2019), Alves *et al.* (2024), e França *et al.* (2010) foram elaborados por docentes e discentes de enfermagem,

enfermeiros, especialistas, mestres e doutores em enfermagem e psicologia, além de residentes na área de enfermagem. Todos eles discorrem sobre a relevância da comunicação e ressaltam a necessidade de comunicação entre enfermeiro e paciente, por meio de uma comunicação eficaz, o enfermeiro consegue promover diálogo, esclarecer dúvidas, fortalecer o vínculo com o paciente. Essa troca favorece um cuidado mais humanizado, seguro e centrado nas necessidades individuais de cada um, porém ainda se observa falhas na prática comunicativa, o que surge a necessidade e a importância do desenvolvimento de estratégias que estimulem a escuta ativa, a construção e o respeito de uma relação de confiança entre enfermeiro e paciente.

A comunicação clara e empática entre enfermeiros e pacientes é essencial para o estabelecimento da confiança, a facilitação da troca de informações e a melhoria dos desfechos clínicos. O investimento em treinamentos contínuos e em tecnologias de comunicação contribui para a redução de erros e o aumento da satisfação dos pacientes. Um ambiente colaborativo e aberto fortalece a qualidade do atendimento, sendo fundamental que os enfermeiros estejam preparados para diferentes situações comunicativas, como a transmissão de más notícias ou a orientação sobre tratamentos. Os estudos também apontam para a necessidade de protocolos específicos durante a passagem de plantão, com foco na segurança do paciente.

Destaca-se que, apesar da comunicação terapêutica ser usada no cotidiano, ela é pouco valorizada e mal compreendida pelos profissionais, muitas vezes por falta de formação adequada. O uso excessivo de linguagem técnica se mostra uma barreira. Conclui-se também a importância do ensino comunicativo na graduação, visto que a matriz curricular da maioria dos cursos de enfermagem ainda não aborda a comunicação. Acredita-se que essa habilidade possa ser adquirida pelos profissionais de saúde com vista na melhoria da assistência.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A execução desta pesquisa teve por objetivo evidenciar a importância da comunicação no contexto interpessoal entre enfermeiro e paciente, as contribuições desempenhadas através da prática e como a atribuição da equipe de enfermagem influencia positivamente durante todo o processo.

Os trabalhos analisados levam a concluir que:

- Os benefícios de uma comunicação eficaz, tanto para os profissionais de enfermagem quanto para os pacientes;

- Os desafios encontrados na prática e apontam para uma insuficiência na aplicação dessa comunicação no cotidiano profissional e nas atribuições dos enfermeiros.

A presente dissertação trata-se de uma revisão integrativa da literatura apoiando-se em estudos anteriores. Essa abordagem permite a análise de informações relevantes sobre o tema em questão, com o propósito de compreender um fenômeno específico relacionado à área de estudo. Portanto, é fundamental a busca por novos conhecimentos com relação à importância da comunicação e as ações de enfermagem que contribuem para tais iniciativas.

Durante a investigação dos dados coletados, dois temas predominantes emergiram ao longo da pesquisa, sendo eles:

- A importância das relações interpessoais na enfermagem: Linguagem não verbal para um cuidado humanizado e seguro;

- A comunicação do enfermeiro como pilar do cuidado prestado ao paciente: estratégias, desafios e impactos na prática assistencial, tornando-se claro que a comunicação entre enfermeiro e paciente constitui um elemento essencial no processo de cuidado, sendo determinante para a construção de uma relação terapêutica eficaz.

A comunicação é um instrumento fundamental que favorece a escuta qualificada, o acolhimento e o estabelecimento de vínculos de confiança, aspectos indispensáveis para a promoção da saúde e para a humanização da assistência. Quando pautada na empatia, no respeito mútuo e na ética profissional, a comunicação contribui significativamente para a adesão ao tratamento, para a redução de conflitos e para a melhoria dos resultados clínicos. Assim, torna-se imprescindível que o enfermeiro desenvolva competências comunicacionais, a fim de garantir um cuidado integral, seguro e centrado nas necessidades do paciente.

Sendo assim, a capacitação continuada dos profissionais de enfermagem, no que diz respeito às habilidades comunicacionais, deve ser incentivada pelas instituições de saúde por meio de treinamentos, cursos de capacitação e oficinas. A valorização da escuta ativa, da linguagem acessível e da sensibilidade às particularidades culturais e emocionais dos pacientes fortalece o vínculo e amplia a eficácia dos procedimentos e intervenções. Além disso, essa capacitação permite que os profissionais de enfermagem envolvam os pacientes e suas famílias no processo de tomada de decisão, promovendo a adesão ao tratamento, a prevenção de erros e a continuidade do cuidado.

Assim sendo, conclui-se que investir na comunicação interpessoal qualificada entre enfermeiros e pacientes é investir na excelência do cuidado, promovendo uma assistência humanizada, ética e resolutiva. Portanto cabe, não apenas aos profissionais de saúde, mas também às instituições, estimular a discussão e a aplicação prática desse conhecimento,

consolidando a comunicação como uma competência central na formação e atuação dos enfermeiros e das equipes multidisciplinares.

6 REFERÊNCIAS

ALVES, C, *et al.*. Comunicação eficaz na transição de cuidados de enfermagem no serviço de urgência: percepção dos enfermeiros. **Millennium - Journal of Education, Technologies, and Health**, 2 (ed. espec. nº14), e33823, 2024.

Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/millenum/article/view/33823> . Acesso em: 30 mar. 2025.

ANDRADE, C.G, *et al.* Cuidados paliativos: a comunicação como estratégia de cuidado para o paciente em fase terminal. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 18, n. 9, p. 2791-2798, set. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/tqWXjVYtSTqDbm7BXGhc7cn/>. Acesso em: 25 mar. 2025.

ANDRADE, *et al.* Comunicação de notícias difíceis para pacientes sem possibilidade de cura e familiares: atuação do enfermeiro. **Revista Enfermagem UERJ**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 5, p. 674–679, set./out. 2014.

Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/enfermagemuernj/article/view/5748>. Acesso em: 4 jul. 2025.

ARAÚJO, A.C.A, *et al.* Comunicação eficaz entre enfermeiros e pacientes: Melhores práticas para melhorar a comunicação e promover a segurança do paciente. **Revista Ibero- Americana de Humanidades, Ciência e Educação**. São Paulo, v.10, n. 11, nov. 2024. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/16674>. Acesso em: 22 mar. 2025

ARAÚJO, M.M.T, *et al.* A comunicação com o paciente em cuidados paliativos: valorizando a alegria e o otimismo. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 41, n. 4, p. 348-354, dez. 2006.

Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reeusp/a/pCsdGFyV45fnyQmNpTGh5Bz/>. Acesso em: 06 abr. 2025.

BIASIBETTI, *et al.* Comunicação para a segurança do paciente em internações pediátricas. **Revista Gaúcha de Enfermagem**. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rngenf/a/dQdbGSgdxYBtXphLXsr5khv/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 30 mar. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº 2.510/GM, de 19 de dezembro de 2005, do Ministério da Saúde, institui a Comissão para Elaboração de Proposta de Política de Gestão de Tecnologias em Saúde no âmbito do SUS.

Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2005/prt2510_19_12_2005.html. Acesso em: 10 jun. 2025.

BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Resolução RDC nº 36, de 25 de julho de 2013. Institui ações para a segurança do paciente em serviços de saúde e dá outras providências.

Diário Oficial da União, Brasília, DF, 2013. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/anvisa/2013/rdc0036_25_07_2013.html. Acesso em: 25 mar. 2025.

BRASIL. Conselho Federal de Enfermagem. Resolução COFEN nº 514, de 6 de julho de 2016. Aprova o Guia de Recomendações para os registros de enfermagem no prontuário do paciente, com a finalidade de nortear os profissionais de Enfermagem. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 2016. Disponível em: <https://www.cofen.gov.br/resolucao-cofen-no-05142016/>. Acesso em: 25 mar. 2025.

BRASIL. Conselho Federal de Enfermagem. Resolução COFEN nº 767, de 6 de novembro de 2024. Aprova o guia de comunicação na prática, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 2024. Disponível em: <https://www.cofen.gov.br/resolucao-cofen-no-767-de-06-de-novembro-de-2024/>. Acesso em: 25 mar. 2025.

BROCA, P.V, *et al.* Equipe de enfermagem e comunicação: contribuições para o cuidado de enfermagem. Revista Brasileira de Enfermagem, Brasília, v.65, n.1, p.97-103, jan.-fev. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/rxxwHhHCkZbGpD9M47DjDxp/>. Acesso em: 10 jun. 2025

CAMARGO, *et al.* Comunicação terapêutica entre paciente e enfermagem no período perioperatório. **Revista Remecs: Revista Multidisciplinar de Estudos Científico em Saúde**, v.3, n.5, 2018. Disponível em: <https://revistaremeccs.com.br/index.php/remecs/article/view/29>. Acesso em: 01 abr. 2025.

CATAPRETA, A.A, *et al.* Comunicação na unidade de terapia intensiva oncológica: Uma revisão sistemática sobre vieses que interferem e ou participam na comunidade entre enfermeiros e pacientes oncológicos. **Braz. J. Hea. Rev., Curitiba**, v. 3, n.4, p.10487-10500 jul./ aug. 2020. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/15059/12436> Acesso em: 30 mar. 2025.

COSTA, A. C. G, *et al.* Cuidados paliativos: a comunicação como estratégia de cuidado para o paciente em fase terminal. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 9, p. 2523-2530, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232013000900006>. Acesso em: 25 maio 2025.

CRUZ, *et al.* Admissão em centro cirúrgico como espaço de cuidado. **Rev. Eletrônica de Enfermagem Online**, v.4, n.1, p.51-58, 2002. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/index.php/fen/article/view/742/803>. Acesso em: 14 abr. 2025

DERMANI, D. B, *et al.* Conhecimento, aplicabilidade e importância atribuídos por graduandos de enfermagem às estratégias comunicativas terapêuticas. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 73, n. 6, p. e20190411, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/jrSGfh3GZkvbHWgnnqrFBvG/?lang=pt>

FASSARELLA, C.S, *et al.* Comunicação terapêutica no contexto hospitalar: desafios e perspectivas. **Revista Rede de Cuidados em Saúde**, v. 10, n. 2, p. 45-52, 2018. Disponível em: <https://granrio.emnuvens.com.br/rcs/article/view/1901/905>. Acesso em: 01 abr. 2025.

FEITEIRA, *et al.* A interação no cuidar em fim de vida- Uma revisão narrativa da literatura. **Revista Nursing**, 2024.
Disponível em: <https://www.revistanursing.com.br/index.php/revistanursing/article/view/3238/3923> Acesso em: 30 marc. 2025

FERREIRA, A.B.H. (2018). **Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. Curitiba: Positivo. 8ª. impressão.

FRANÇA, *et al.* cuidados paliativos: relação dialógica entre enfermeiros e crianças com câncer. **Dissertação (mestrado de enfermagem)** João Pessoa 2010. Disponível em <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/5055> Acesso 13 de abr. 2025.

GOMES, *et al.* Cuidados paliativos: Relação eficaz entre equipe de enfermagem, pacientes oncológicos e seus familiares. **Revista Rede de Cuidados em Saúde**, v.13, n.2 (2019). Disponível em: <https://publicacoes.unigranrio.edu.br/rcs/article/view/5522>. Acesso em: 01 abr. 2025.

LACERDA, *et al.* Comunicação efetiva nas relações enfermeiro-paciente à luz do modelo Transcultural Interprofessional Practice. **Rev Rene**, [S. l.], v. 22, p. e61443, 2021. DOI: 10.15253/2175-6783.20212261443.
Disponível em: <https://periodicos.ufc.br/rene/article/view/61443>. Acesso em: 10 jun. 2025.

LEITÃO, T.A, *et al.* Análise da comunicação de eventos adversos na perspectiva de enfermeiros assistenciais. **Revista da Rede de Enfermagem no Nordeste**, v.14, n.6, 2013.
Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3240/324029419003.pdf>. Acesso em: 01 abr. 2025.

LUCENA. Comunicação de más notícias e luto de familiares de vítimas da Covid-19: contribuições para enfermagem no contexto dos cuidados paliativos. 2021. 130 f. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Centro de Ciências da Saúde, **Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal da Paraíba**, João Pessoa, 30 jul. 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/22225>. Acesso em: 4 jul. 2025.

MACHADO, *et al.* Comunicação não-verbal de idosos frente ao processo de dor. **Rev. Brasileira de Enfermagem**. 2006
Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/RDfWpcFMfdJSbKYpVkkym4M/?lang=pt>. Acesso em: 14 Abr 2025

MARTINS, *et al.* Comunicação no contexto de reabilitação: O encontro entre enfermeiro e paciente. **Rev. Argumento da Pontifícia Universidade Católica do Paraná**, v.42, n.2,

p.123-134, 2008. Disponível em:

<https://periodicos.pucpr.br/psicologiaargumento/article/view/19643> Acesso: 11 de abr. 2025.

MERHY E.E. O ato de governar as tensões constitutivas do agir em saúde como desafio permanente de algumas estratégias gerenciais. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.4, n.2, p.305-14, 1999.

Disponível

em:

<https://www.scielo.br/j/csc/a/vWLtrWY4YSbWpJzwG7YrBwz/?format=pdf&lang=pt>

Acesso: 1 de jun. 2025.

MERHY E.E. Em busca de ferramentas analisadoras das Tecnologias em Saúde: a informação e o dia a dia de um serviço, interrogando e gerindo trabalho em saúde. In: *Agir em Saúde: um desafio para o público*, MERHY E, ONOCKO R. 2nd ed. São Paulo (SP): Hucitec, 2002; 113-150p. Disponível em: https://digitalrepository.unm.edu/lasm_pt/326/. Acesso em: 10 jun. 2025

NASCIMENTO, F.J. Humanização e tecnologias leves aplicadas ao cuidado de enfermagem na unidade de terapia intensiva: uma revisão sistemática. *Revista Nursing*, v. 24, n. 279, p. 6035-6039, 2021. Disponível em:

<https://periodicos.ufjf.br/index.php/hurevista/article/view/2494>. Acesso em: 10 jun. 2025.

NEGREIROS, *et al.* Comunicação Terapêutica entre enfermeiros e pacientes de uma unidade hospitalar. **Rev. Eletrônica de Enfermagem**. Ceará, v.12, n.1, p.1-13, 2010. Disponível em: http://www.fen.ufg.br/revista/revista7_1/original_05.htm. Acesso em: 2 de abr. 2025

PACHECO, L.S.P, *et al.* The nurse 's effective communication process with the patient in palliative care. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 8, p. 6524, 2020. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/6524>. Acesso em: 25 mar. 2025.

PONTES, A.C, *et al.* Comunicação terapêutica em Enfermagem: instrumento essencial do cuidado. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 61, n. 3, p. 326-330, jun. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/pfJgqD8hM7CNH6XLtjMk8Yh/?lang=pt>. Acesso em: 06 abr. 2025.

PAGE, M. J. *et al.* The PRISMA 2020 statement: an updated guideline for reporting systematic reviews. **BMJ**, [S. l.], v. 372, n. 71, 2021. doi: 10.1136/bmj.n71. Disponível em: <https://www.bmj.com/content/bmj/372/bmj.n71.full.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2025.

REZENDE, L.C.M, *et al.* Comunicação terapêutica entre enfermeiros e pacientes em pré-operatório durante a admissão em uma unidade de clínica cirúrgica. **Journal of Nursing UFPE/Revista de Enfermagem UFPE**, 2013. Disponível em: https://openurl.ebsco.com/EPDB%3Agcd%3A15%3A4766543/detailv2?sid=ebsco%3Aplink%3Ascholar&id=ebsco%3Agcd%3A90535610&crl=c&link_origin=scholar.google.com.br. Acesso em: 01 abr. 2025.

RODRIGUES, K. S. *et al.* As tecnologias leves: percepção dos profissionais de enfermagem e dos usuários do centro de oncologia. **Nursing Edição Brasileira**, v. 28, n. 315, p. 9438-43, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.36489/nursing.2024v28i315p9438-9443>. Acesso em: 10 jun. 2025.

RODRIGUES, M.V.C, *et al.* Comunicação da enfermeira com pacientes portadores de câncer fora de possibilidade de cura. **Rev enfermagem UERJ**. Rio de Janeiro, v.18, n.1, p.86-91,2010. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/bde-18407> .Acesso em: 01 abr. 2025

RODRIGUES, R.P, *et al.* Tecnologias em saúde: aperfeiçoar o processo de trabalho pautado na gestão da clínica e do cuidado. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 6, n. 1, p. 2922-2932, jan. 2020.

Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/622>. Acesso em: 10 jun. 2025.

SANTOS, M.C, *et al.*. Comunicação da equipe de enfermagem e a relação com a gerência nas instituições de saúde. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 31, n. 2, p. 359–366, jun. 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1983-14472010000200022> . Acesso em: 10 jun. 2025.

SANTOS, S.G, *et al.* A influência da comunicação efetiva nos desfechos do paciente hospitalizado. **Revista Interdisciplinar de Saúde e Educação**, v. 5, n. 2, p. 56-71, 11 dez. 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.56344/2675-4827.v5n2a2024.4>. Acesso em: 10 jun. 2025

SETTANI, S.S, *et al*, Comunicação de Enfermagem e as repercussões na segurança do paciente. **Rev. Enfermagem UFPE online**. 2019: 13.

Disponível em: <https://doi.org/10.5205/1981-8963.2019.239573> Acesso em: 22 mar. 2025.

SILVA, B.A.O, *et al.* A comunicação entre a enfermagem e os pacientes em uma unidade de terapia intensiva: dilemas e conflitos. **REVISA (Online), São Caetano do Sul**, v.11, n.2, p. 138-148, 2022. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1379178> Acesso em: 30 mar. 2025.

SILVA, D.C, *et al.* Tecnologias leves em saúde e sua relação com o cuidado de enfermagem hospitalar. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, Rio de Janeiro, v.12, n.2, p.291-298, jun. 2008 DOI: 10.1590/S1414-81452008000200006.

Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/Xp7WTjHpdgvZVqr5fCJ44qw/> . Acesso em: 16 jun. 2025.

SILVA, D.L, *et al.* A comunicação terapêutica em Enfermagem – revisão integrativa da literatura. **Revista Eletrônica Multidisciplinar de Investigação Científica**, Brasília, v. 2, n. 3, maio 2023. DOI: 10.56166/remici.2023.5.v2n3.1.15.

Disponível em: <https://www.remici.com.br/index.php/revista/article/view/19>. Acesso em: 10 jun. 2025.

SILVA, M.J.P, *et al.* O papel da comunicação na humanização da atenção à saúde. **Rev Bioética**, v.10, n.2, p. 73-88, 2002.

Disponível em: https://revistabioetica.cfm.org.br/revista_bioetica/article/view/215 . Acesso em: 22 mar. 2025

SINNO, *et al.* Comunicação enfermeiro-cliente. **Revista Brasileira de Enfermagem**, 40 (3/4). Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/TcXvPZVdrpSFpWRwbvYHsvp/?lang=pt>. Acesso em: 01 abr. 2025.

SODRÉ, F., ROCON, P.C. O trabalho em saúde pode ser considerado “tecnologia leve”? **Saude soc.** 2023; v. 32, n. 1, e210545, 2023. Available from: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902023210545pt> . Acesso em: 10 jun. 2025.

SOUSA, J.B.A, *et al.* Comunicação efetiva como ferramenta de qualidade: Desafio na segurança do paciente. **Braz. J. Hea. Rev., Curitiba**, v. 3, n. 3, p. 6467-6479, mai. 2020. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/11713>. Acesso em: 22 marc. 2025.

SOUTO, *et al.* Profissionais de saúde e comunicação de más notícias: experiências de uma unidade neonatal. *Revista Psicologia e Saúde*, Campo Grande, v. 11, n. 3, p. 173–184, set./dez. 2019.. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-093X2019000300012. Acesso em: 4 jul. 2025.

STEFANELLI, M.C. Ensino de técnica de comunicação terapêutica enfermeira-paciente - Parte I. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 20, n. 2, p. 161–183, ago. 1986. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reeusp/a/S4bjqmrpF4q4pWjYdqHpTdw/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 jun. 2025

STEFANELLI MC. Estratégias de comunicação terapêutica. In: Carvalho EC, Stefanelli MC. A comunicação nos diferentes contextos da enfermagem. São Paulo: Manole; 2005. p. 73-102.

SHARMA NP, GUPTA V. Therapeutic Communication. [Updated 2023 Aug 2]. In: StatPearls [Internet]. Treasure Island (FL): **StatPearls Publishing**; 2025 Jan-. Available from: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/books/NBK567775/>. Acesso em: 16 jun. 2025

ZINN, *et al.* Comunicar-se com o paciente sedado: Vivência de quem cuida . **Rev. Latino-AM. Enfermagem**. São Paulo, v.11, n.3, p.326-332,2003. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-11692003000300010>. Acesso: 22 mar.2025.